

A OBSERVAÇÃO DE ALGUNS ASPECTOS ENUNCIATIVOS EM TRADUÇÕES DE APRENDIZES DE FRANCÊS: O CASO DE DES.

Adriana ZAVAGLIA (Universidade de São Paulo)
(adrianazav@picture.com.br)

ABSTRACT: *This work aims at presenting some thoughts about enunciative aspects of the relation between language and natural languages in translation. We analyze the french-to-portuguese translations of a text made by brazilian students in different stages of their learning process.*

KEYWORDS: *Language; French; Portuguese; Learning; Translation.*

0. Introdução

O tema que ora desenvolvo é parte de uma pesquisa de doutorado realizada junto ao programa de pós-graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista de Araraquara (2002/CNPq). Para testar a hipótese do trabalho, que se confirmou, elaborei um banco de dados constituído de traduções de textos diversos realizadas em março e novembro de 1999 e em março e novembro de 2000 pelos aprendizes de francês do primeiro ao quarto anos do curso de Letras da UNESP. Essa pesquisa mostrou que, no aprendizado do francês, os aprendizes partem de um núcleo nocional, chamado léxis, muito próximo do que se conhece por *conteúdo proposicional* ou *dictum* para, em fases posteriores do domínio da língua estrangeira, anexar as marcas de modalidade, aspecto, determinação e diátese, também conhecidas como *modus*. Para a análise lingüística apresentada neste artigo, limitei o campo de observação ao marcador francês *des* na função de discretizador de uma noção ou, na nomenclatura tradicional, de artigo indefinido. Dentre os vários casos encontrados no banco de dados, selecionei um enunciado em francês e quatro de suas traduções, as quais representam, prototipicamente, os enunciados mais recorrentes encontrados nos textos traduzidos. A fundamentação teórica deste estudo tem como base a Teoria das Operações Enunciativas de Antoine Culioli (1976, 1999), da qual emprestei os conceitos de noção, tipo e extração. A metodologia utilizada segue os mesmos parâmetros gerais introduzidos em minha tese de doutorado (Cf. Zavaglia 2002a).

1. Fundamentação teórica: a noção, o tipo e a operação de extração

A perspectiva enunciativa que norteia este trabalho leva em consideração, como objeto de estudo, a atividade de linguagem e sua relação com as línguas, os textos. Mas como estudar a atividade de linguagem se ela é, por sua natureza cognitiva, inacessível? Do ponto de vista do lingüista, a linguagem não

pode ser apreendida diretamente, mas seus rastros podem ser procurados nos textos produzidos pelos sujeitos, que agenciam e marcam a passagem das representações mentais da linguagem às representações textuais das línguas. O lingüista não tem acesso à transformação do objeto linguagístico em objeto lingüístico, mas, com o auxílio dos objetos metalingüísticos que elabora, ele pode tentar simular, colocando em prática um mecanismo de reconstrução, a passagem de um nível a outro.

Ao observar os textos, considero portanto três níveis de representações: o nível epilingüístico (*Nível 1*, das noções e operações mentais da linguagem), o nível lingüístico (*Nível 2*, dos marcadores textuais das línguas) e o nível metalingüístico (*Nível 3*, da escritura do lingüista). Através da *mise en rapport* das representações do Nível 3 e do Nível 2, observo a relação entre a atividade de linguagem e as línguas, tentando reconstruir a relação entre o Nível 2 e o Nível 1. Não há, porém, simetria entre um termo de um nível e outro termo de outro nível:

As palavras são [...] captadoras: por uma palavra podemos remeter a uma noção. Ela evoca toda uma noção, mas a relação não é simétrica: uma noção vai ser aprisionada parcialmente numa palavra. Uma vez mais, pois, não há relação termo a termo. (Culioli 1985:19)

A noção é um sistema complexo de representação baseado em propriedades físico-culturais que os seres humanos constroem simbolicamente através de um processo de tipificação. Das ocorrências fenomenológicas, que são os objetos do mundo experienciado, os sujeitos abstraem propriedades e tipificam as noções. A partir do processo de tipificação, que não é finito, uma listagem de ocorrências abstratas é construída. Essa listagem, que Culioli chamou de domínio nocional, é organizada com relação a um pólo de referência ou P, e é representada metalingüisticamente da seguinte maneira: $p_i, p_j \dots p_n = P$.

Dentre as possíveis organizações do domínio nocional, o pólo de referência poderá assumir o papel de *tipo*; nesse caso, as ocorrências do domínio se organizarão com relação à exemplaridade (p é um exemplo de P). Vale ressaltar que o conceito culioliano de tipo não se confunde nem com o conceito de protótipo, que não é passível de ser sempre designado verbalmente, nem com o de estereótipo, que é estável cultural e antropologicamente falando, tampouco com o de arquétipo no sentido jungiano. O tipo organiza as ocorrências da noção através de operações de localização: P interpreta o papel de localizador frente à listagem de ocorrências que se encontra fragmentada. Cada uma das ocorrências será um exemplar de P. Dependendo da relação de localização das ocorrências com relação a P, uma operação de extração pode se desenvolver. O enunciado a seguir ilustra a organização da noção com relação ao tipo numa operação de extração:

Ontem eu vi um carro em frente à sua casa.

Acima, um exemplar de <ser-carro>, ou de P, foi construído da seguinte maneira: do domínio nocional da noção /carro/, ou $p_i, p_j \dots p_n = P$, foi extraída uma ocorrência p_i , que é um exemplar de P. A operação de extração, marcada em *um* e intimamente relacionada à agentividade, à asserção e à organização temporal de diferenciação, é assim representada: $p_i, p_j \dots p_n = P \rightarrow p_j$.

Levando em consideração os conceitos específicos de noção, tipo e operação de extração acima sumariamente explanados, a construção da operação de

extração será observada metalingüisticamente nas traduções do marcador *des* realizadas pelos aprendizes de francês. Desse modo, a transformação de objetos linguagísticos em objetos lingüísticos através da organização da noção com relação a um tipo será esquematicamente simulada.

2. Análise dos enunciados: o marcador DES

Sejam os seguintes enunciados:

- (1) Des écrivains ont répondu à nos questions.
- (1a) Dos ____ onde respondeu a nós as perguntas.
- (1b) Uns escritores têm respondido às nossas questões.
- (1c) Alguns escritores responderam às nossas questões.
- (1d) Escritores responderam nossas perguntas.

(1a), (1b), (1c) e (1d), construídos por um estudante primeiranista, segundanista, terceiranista e quartanista, respectivamente, representam os enunciados mais freqüentes que aparecem nas traduções de um dos textos do banco de dados produzidos em março de 2000, nas quais verificam-se oscilações entre as formas escolhidas pelos estudantes relacionadas às categorias que estão em evidência em cada um dos enunciados.

Antes de passar aos enunciados traduzidos, uma rápida análise prévia de (1) é necessária, e também importante do ponto de vista da relação entre um texto e sua tradução, uma vez que, como dizia Benjamin, se o texto original pede pela tradução, não é possível encontrar apenas nas traduções, sem levar em conta o texto-fonte, o contrato linguagístico entre os textos, as línguas, as culturas. Se o original já possui suas possíveis traduções em estado latente, então é somente a partir dele que podem ser encontrados subsídios coerentes para sustentar qualquer análise que seja (Cf. Zavaglia 2002a:8-13).

A primeira relação perceptível em (1) é a de agentividade. O sujeito enunciatador (/nós/) preconstruiu uma bifurcação com relação às noções /question/ e /écrivain/, e ao relator /répondre/: de um lado, aparecem as questões que não foram respondidas por escritores, de outro, as questões respondidas por escritores. O enunciado, efetivamente ancorado numa situação de enunciação, marca uma transformação: /question/ passa de não respondida a respondida de fato por escritores. Em outros termos:

$$\langle ()_0 \text{ réponde questions}_1 \rangle \in \text{écrivains}_0,$$

em que o esvaziamento do parêntese representa o agente transformador.

A organização da diátese acima formalizada está ligada ao aspecto numa relação temporal de diferenciação: entre os limites da esquerda (questões elaboradas para serem respondidas por escritores) e da direita (questões elaboradas para serem respondidas por escritores) estão os pontos que validam a relação entre /écrivains/ e /questions/, ou seja:

---]des écrivains ont répondu à nos questions] ---

A categoria da modalidade também está implicada na função de discretizador que *des* interpreta em (1) pelo viés da asserção, já que toda a organização do enunciado articula-se em torno do enunciador, que afirma e garante que questões elaboradas foram efetivamente respondidas por escritores.

Finalmente, com relação à determinação, há uma discretização: a inscrição no tempo do processo não pode ser separada de uma instanciação nocional; se /répondre/ é inscrito no tempo, então temos uma quantificação (uma discretização) de /répondre/ marcada por *des*, pelo pretérito, por *nos* e pelos plurais. Se escritores responderam a questões, então foram construídas ocorrências de respostas pelo agente, /écrivain/, igualmente discretizado. Se não houvesse transformação em (1), não haveria diferenciação com relação à topologia do tempo, nem asserção, nem discretização. O jogo complexo entre as quatro categorias presentes em todo e qualquer enunciado está, de uma forma ou de outra, marcado de maneira intrincada em cada um dos marcadores textuais das línguas, o que mostra que uma categoria depende da outra, uma conduz à outra, fato esse que Culioli chamou de transcategorialidade. *Des* é, portanto, um marcador transcategorial.

Observemos agora os enunciados dos estudantes para verificar a construção da operação de extração considerando, especificamente, o marcador *des*.

Em (1a), o aprendiz primeiranista realiza uma tradução palavra por palavra basicamente intuitivo-associativa e essencialmente fundamentada em sua língua materna, o que se percebe nos seguintes paralelismos:

<i>Português</i>	<i>Francês</i>
dos	des
espaço em branco	écrivains
onde	ont
respondeu	répondu
a	à
nós	nos
as perguntas	questions

Mas o que estaria marcando *dos*? Pelo posicionamento do marcador no enunciado, *dos* não parece ser um relator que colocaria duas noções em relação, como em *as respostas dos escritores*; pelo contrário, *dos* parece marcar a construção de uma classe de ocorrências: *dos escritores aos quais nos dirigimos*. Note-se ainda o fato de o relator ter sido singularizado (*respondeu*), o que indicaria uma operação de extração implícita sobre a classe de ocorrências tangencialmente explicitada por *dos*. Em outros termos:

/escritores/ = $p_i, p_j \dots p_n = P$.

Marcando uma operação diferente, os outros três estudantes de segundo, terceiro e quarto anos apresentam soluções que se assemelham entre si. Em (1b) há uma construção aspectual distinta de (1c) e (1d) mas adequada ao nível de aprendizado do aprendiz segundanista; entre (1c) e (1d), ao contrário, não há

oscilações importantes. As diferenças superficiais não são mais que escolhas individuais de cada aprendiz para marcar em português as operações linguagísticas em questão. *Uns, alguns* e o marcador zero remetem a uma operação de extração sobre uma classe de ocorrências. Podemos glosá-los da seguinte maneira: dos escritores aos quais nos dirigimos, uns ou alguns reponderam nossas questões. Em outros termos:

Da listagem $p_i, p_j \dots p_n$, <dos escritores a que nos dirigimos>, ocorrências de p_i a p_j responderam.

Se forem levados em consideração todos os enunciados, uma classe de ocorrências terá sido construída e marcada num primeiro estágio de aprendizado (*dos*), em seguida terá sido realizada uma operação de extração sobre uma classe de ocorrências marcada em estágios posteriores do aprendizado (*uns, alguns*, marcador zero). Em outros termos:

/escritores/ = $p_i, p_j \dots p_n \rightarrow p_i$ a p_j .

Isso não quer dizer que os estudantes estejam aprendendo a construir classes de ocorrências ou a realizar operações de extração de acordo com o aprendizado da língua estrangeira. Essas operações enunciativas de linguagem, por serem de natureza cognitiva, são atividades cujas capacidades para colocá-las em prática os estudantes já possuem, uma vez que elas são inatas à espécie humana. As línguas são o instrumento que marca verbalmente as operações e é somente no decorrer do aprendizado da língua estrangeira que o aprendiz adquire conhecimentos lingüístico-culturais suficientes para marcar as formas esquematicamente abstraídas de sua experiência.

O raciocínio metalingüístico formalizado para a relação entre *dos* e os marcadores *uns, alguns* e o marcador zero representa a mesma esquematização que o marcador *des* está rastreando no enunciado (1): do mesmo modo, a operação de determinação (extração) construída depende simultaneamente da categoria do aspecto (diferenciação), da modalidade (asserção) e da diátese (agentividade). Assim, (1.c) e (1.d) rastreiam operações análogas às que podemos examinar em (1); (1a) assemelha-se a (1) apenas do ponto de vista aspectual por intermédio do relator (*respondeu*); (1b) apresenta um esquema aspectual diferente sugerindo continuidade, uma vez que o intervalo da direita é aberto:

— — —]uns escritores têm respondido nossas questões — — — .

Infere-se portanto que, embora pudesse ser enunciado em outros contextos, (1.b) não é uma paráfrase de (1), tampouco (1.a). Os enunciados (1.c) e (1.d), por sua vez, formam uma família de paráfrases com (1). Porém, o liame que os une não passa diretamente de uma língua para a outra, pois, se assim fosse, seria possível fixar as relações entre uma e outra palavra de duas línguas diferentes de forma simétrica, como fazem de maneira bastante lacunar e imprecisa os dicionários bilíngües; seria ainda plausível categorizá-las à priori, como fazem as gramáticas tradicionais. Não há, em princípio, nenhuma utilidade em etiquetar previamente a relação entre *des* e o marcador zero, *uns, alguns* sem considerar o

co-texto e o contexto em que ocorrem, já que a tradução de um marcador por outro não depende de um estatuto pré-definido entre o português e o francês (entre marcadores de Nível 2), mas sim da relação de equivalência da atividade de linguagem (noções e operações de Nível 1) rastreada por diferentes marcadores textuais de Nível 2, dependendo da situação enunciativa em questão, o que tentei mostrar acima através de representações de Nível 3.

3. Considerações finais e desdobramentos

Através da relação co-textualizada e contextualizada entre marcadores de Nível 2 (*des* e *dos*, *uns*, *alguns* e o marcador zero), alguns aspectos enunciativos foram observados: abstraiu-se dos dados empíricos de Nível 2 a construção de uma operação de linguagem de Nível 1 pela formalização de Nível 3. O trabalho de análise sobre as traduções dos aprendizes de língua explicitou lingüisticamente o passo-a-passo da representação metalingüística sugerida pela teoria culioliana:

Se $dos = p_i, p_j \dots p_n$ e
 $uns/alguns/(\text{marcador zero})\text{escritores} = p_i \text{ a } p_j$, então:
 $dos \rightarrow uns/alguns/(\text{marcador zero})\text{escritores} = p_i, p_j \dots p_n \rightarrow p_i \text{ a } p_j$.

Tal proposta traz à baila questões importantes relacionadas aos mais diversos temas, dentre os quais podemos citar a avaliação no aprendizado de línguas estrangeiras e a definição da tradução como um caso particular de paráfrase.

Se o professor de língua, tanto dos cursos que formarão professores quanto daqueles que formarão tradutores, tem um demonstrativo textual constituído de traduções de um mesmo texto realizadas pelo menos duas vezes por seus alunos no decorrer de pelo menos um ano de aprendizado, ele pode rastrear problemas, camuflados muitas vezes em outros tipos de exercício, que o auxiliem em suas estratégias de ensino. Para o caso de *des*, por exemplo, por que não tentar estimular os aprendizes a rejeitarem a ilusória troca de corpetes lingüísticos de uma língua para outra (*des=uns*, *alguns*, marcador zero) em prol de uma reflexão mais aprofundada, através de discussões em sala de aula de suas próprias produções que ultrapassem as estruturas superficiais das línguas e girem em torno da própria atividade da linguagem? Agindo dessa maneira, o professor escapará do viés normativo da avaliação unilateral em certo ou errado e estimulará os seus alunos à auto-correção. Desse ponto de vista, tanto os enunciados (1.a) e (1.b), que não seriam adequados para traduzir (1) por uma postura tradicional, quanto (1c) e (1d) demonstrariam que os estudantes fizeram um esforço linguagístico para reconhecer as marcas de operações no texto em francês tentando reconstituí-las em português, o que configuraria suas traduções como produções coerentes com o estágio de seu aprendizado. Inconscientemente, os aprendizes delinearam uma relação entre a anexação das categorias e seu nível de aprendizado, a qual estreitar-se-á de acordo com o uso corrente do francês no decorrer de seu aprendizado da língua estrangeira

Com respeito à tradução, o marcador *des* não tem, de forma direta, nada a ver com *uns*, *alguns* ou com o marcador zero, e não será obrigatoriamente tra-

duzido por *uns*, *alguns* ou pelo marcador zero em outros contextos. Eles não são, portanto, substituíveis uns pelos outros sem que um espaço de referência seja situado. A observação dos textos produzidos pelos estudantes pode levar os próprios aprendizes a perceberem que a tradução de um termo por outro não é fixa: o aparecimento de três marcadores (*uns*, *alguns* e o marcador zero) em suas próprias traduções demonstra que sempre existe, no fazer tradutório, uma escolha dentre outras possíveis, ou seja, a escolha de um termo ou de um enunciado dentre outros que estão em relação de paráfrase dependendo do co-texto e do contexto em questão. Não há univocidade, mas há equivalência: o caminho que une os termos ou os enunciados passa pela linguagem, pelos sistemas nocionais de representação e pelas operações enunciativas relacionadas à determinação, do aspecto, à modalidade e à diátese. Assim, na relação entre *des* e *uns*, *alguns* e o marcador zero pode-se entrever a invariância da linguagem (Nível 1: operação de extração) permitindo a variância das línguas (Nível 2: marcadores em francês e em português) ou a tradução como paráfrase lingüística de operações de linguagem.

Dando continuidade ao trabalho relacionado à lingüística culioliana e à tradução, estou trabalhando atualmente numa pesquisa de pós-doutorado (FAPESP-Proc.02/13435-0) com traduções publicadas e com o método tradutológico de Aubert (1998). Desta vez não se trata mais de estabelecer uma relação, pelas traduções, entre o nível do aprendizado e a anexação das categorias. Um de meus objetivos é o de verificar, em traduções realizadas por tradutores experientes, se a preponderância (em frequência) de determinada modalidade tradutória (transcrição, empréstimo, decalque, tradução literal, transposição, explicitação/implicitação, modulação, adaptação ou erro) em segmentos de texto corrido está ou não relacionada ao paralelismo das operações de linguagem rastreadas pelas unidades lingüísticas. Os marcadores *des*, *uns*, *alguns* e o marcador zero estão sendo mais uma vez observados pelos seguintes questionamentos: estarão eles, segundo a determinação, a modalidade, o aspecto e a diátese, rastreando sempre a mesma operação de linguagem nos vários co-textos e contextos específicos do texto-fonte e do texto-meta? Como organizam-se as ocorrências das noções em questão (relação entre p_i , p_j ... p_n e P)? Como se dá a relação entre modalidade de tradução e operação de linguagem?

É provável que a primeira proposta, relacionada às traduções de aprendizes, e a segunda, ligada às traduções publicadas e ao método tradutológico de Aubert, possam ser aliadas uma à outra com vistas à elaboração de metodologias de ensino de língua e de dicionários bilíngües diferenciais. Com relação ao ensino, embora traduzir textos escritos de uma língua para outra não pareça levar quem quer que seja a dominar fluentemente uma língua estrangeira, considerando as quatro capacidades básicas que um aprendiz necessita desenvolver para ter fluência na língua que aprende, ou seja, ler, escrever, falar e ouvir (em outras palavras, compreender e fazer-se entender oralmente ou por escrito), a tradução, se utilizada como instrumento acessório ao ensino, pode trazer ao aprendiz de professor ou tradutor uma auto-avaliação de suas capacidades associativas (semânticas, culturais e léxico-gramaticais) entre a língua estrangeira e a sua língua materna. Com relação à lexicografia bilíngüe, utilizar exemplos extraídos de traduções publicadas para preencher lacunas existentes nos dicionários bilíngües tradicionais, como a falta de definições, de exemplificações e contextualizações dos termos, parece ser bastante enriquecedor.

Desse modo, as propostas acima aventadas, que sugerem destrinchar os textos através de um raciocínio metalingüístico que, como bem disse Culioli (1999), foge do atalho da intuição, reintegram a colaboração entre a lingüística, a tradução e o ensino de línguas estrangeiras, propondo um aprendizado mais reflexivo permeado por espontaneidade e criatividade, e um diálogo mais acirrado entre a cultura estrangeira e a materna, visando a um melhor aproveitamento e uma melhor compreensão das distâncias e proximidades entre as duas línguas e culturas envolvidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUBERT, Francis Henrik. Modalidades de tradução: teoria e resultados. *TradTerm*, São Paulo, SP, ano 5, n.1, p.99-128, 1 sem. 1998.
- AUBERT, Francis Henrik; ZAVAGLIA, Adriana. Reflexos e refrações da alteridade na literatura brasileira traduzida – as versões de *Sagarana* para o francês e para o norueguês. *TradTerm*, 2003 (no prelo).
- CULIOLI, Antoine. *Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, 1999.
- _____. *Notes du séminaire de D.E.A.*. Paris: Poitiers, 1985.
- _____. *Recherches linguistiques: théorie des opérations énonciatives*. Paris: Paris VII, 1976.
- ZAVAGLIA, Adriana. *Da invariância da linguagem à variância das línguas: contribuição para a elaboração de uma teoria enunciativa da tradução como um caso particular de paráfrase*. Tese de doutorado. Araraquara/SP, UNESP, 2002a, 331 p.
- _____. Tradução e lingüística: qual a relação possível? *Todas as Letras: Revista de Língua e Literatura*, ano 4, n. 4, São Paulo, 2002b, p. 81-88.